

*O falante, o linguista e uma antropologia na linguagem: uma homenagem ao Professor Valdir do Nascimento Flores*

## Benveniste, "o antropólogo": cartas de Émile Benveniste a Claude Lévi-Strauss (1948-1967)

Benveniste, "the antropologist": letters from Émile Benveniste to Claude Lévi-Strauss (1948-1967)

**Isabela Barbosa do Rêgo Barros**

Universidade Católica de Pernambuco

**Lusineide Carmo Andrade de Lacerda**

Universidade Católica de Pernambuco

**Resumo:** Este artigo parte da leitura do texto *Lettres d'Émile Benveniste à Claude Lévi-Strauss* (1948-1967), escrito por John E. Joseph, Chloé Laplantine e Georges-Jean Pinault, publicado em 2020, no qual os autores apresentam e editam 20 cartas de Émile Benveniste dirigidas a Claude Lévi-Strauss entre o final da década de 1940 e o final de 1960. Propomos, aqui, uma reflexão sobre a aproximação dos autores e a construção do pensamento linguístico de Benveniste em que se deixam transparecer relações com a etnologia. Consideramos que a porção antropológica ancorada no pensamento de Benveniste permitiu leituras atuais que propõem uma antropologia enunciativa.

**Palavras-chave:** Benveniste; Antropologia; Linguística; Etnologia

**Abstract:** This article is based on the reading of the text *Lettres d'Émile Benveniste à Claude Lévi-Strauss* (1948-1967), written by John E. Joseph, Chloé Laplantine, and Georges-Jean Pinault, published in 2020, in which the authors present and edit 20 letters from Émile Benveniste addressed to Claude Lévi-Strauss between the end of the 1940s and the end of the 1960s. We propose, here, a reflection on the approach of the authors and the construction of Benveniste's linguistic thought, in which connections are revealed with ethnology. We consider that the anthropological portion anchored in Benveniste's thought allowed current readings that propose an enunciative anthropology.

**Keywords:** Benveniste; Anthropology; Linguistics; Ethnology

## Introdução

Émile Benveniste foi um linguista, nascido na Síria e naturalizado francês, que obteve grande reconhecimento entre os pesquisadores na metade do século XX, em suas interlocuções com outras áreas do saber: filosofia, antropologia, sociologia, psicologia e psicanálise. Podemos afirmar que os textos produzidos

por Benveniste se inserem em um terreno limítrofe, dando-lhes uma característica interdisciplinar.

Influenciado pelos estudos comparativistas de Antoine Meillet e pela linguística de Ferdinand de Saussure, os trabalhos de Benveniste sobre as línguas indo-europeias *Origines de la formation des noms en indo-européen* (1935), *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen* (1948) e os dois volumes *Le Vocabulaire des Institutions Indo-européennes* (1969) ganharam repercussão e alcançaram o interesse do antropólogo Claude Lévi-Strauss.

Essa admiração está registrada, em 1976, na homenagem que Lévi-Strauss prestou a Benveniste, em uma das edições da revista *L'Homme*, considerando que *Le Vocabulaire des Institutions Indo-européennes* é um livro de etnologia e que Benveniste é um etnólogo de línguas e linguagem (Joseph; Laplantine; Pinault, 2020).

Este ilustre especialista em línguas indo-europeias tinha grande interesse pela etnologia, como atesta o lugar significativo ocupado em sua obra pelas línguas africanas e ameríndias – esta última, por ele estudada em campo na Colúmbia Britânica e no Alasca – e os ensinamentos etnológicos que, ao longo da sua vida, nunca deixou de solicitar à filologia comparada. A esse respeito, não é exagero dizer que sua obra em dois volumes sobre o *Vocabulário das Instituições Indo-Europeias* traz uma contribuição de grande importância para a antropologia social. Essa orientação constante explica porque, em 1948, ele aceitou fazer parte do júri da defesa de minha tese sobre as estruturas elementares do parentesco<sup>1</sup> (Lévi-Strauss, 1976 *apud* Joseph; Laplantine; Pinault, 2020, p. 3, tradução nossa).

Do escopo etnológico, o interesse de Benveniste está em entender os fatos da linguagem enquanto sistema simbólico não destituído da sociedade e da cultura. O autor não herda o rigor metodológico da etnologia, mas aproxima-se desta ao pensar as diversas línguas como manifestação do homem/sujeito na linguagem, a partir do princípio da etnologia<sup>2</sup> em observar o que o povo diz de si mesmo e o modo como identifica seus participantes na análise da vida social de um lugar (Moutinho, 1980; Lima, Martinez; Lopes Filho, 1990). Isso permite a Flores (2016, 2019) entender, a partir das discussões benvenisteanas, o falante como etnógrafo da própria língua, marcado por sua inscrição na ordem simbólica que é a cultura. Não é uma proposta antropológica *stricto sensu*, mas uma possibilidade de perceber na linguística de Benveniste uma antropologia da enunciação que diz do homem e de seu saber sobre a língua.

Para Joseph, Laplantine e Pinault (2020, p. 2, tradução nossa), o entusiasmo de Benveniste pela abordagem de Lévi-Strauss é surpreendente,

[...] mas atesta a sua capacidade de apreciar um tipo de análise que não é o seu, mas que possibilita um avanço científico em um campo pelo qual ele tem grande interesse – a análise cultural – e não reivindica uma única autoridade<sup>3</sup>. (Joseph; Laplantine; Pinault, 2020, p. 3, tradução nossa).

<sup>1</sup> Do original: “Cet illustre spécialiste des langues indo-européennes portait un vif intérêt à l’ethnologie, comme en témoignent la place non négligeable qu’occupent dans ses travaux des langues africaines et amérindiennes – ces dernières, étudiées par lui sur le terrain en Colombie britannique et en Alaska – et les enseignements ethnologiques que, tout au long de sa vie, il ne cessa de demander à la philologie comparée. A cet égard, il n’est pas excessif de dire que son ouvrage en deux volumes sur le Vocabulaire des institutions indo-européennes apporte à l’anthropologie sociale une contribution d’importance majeure. Cette orientation constante explique qu’en 1948, il ait bien voulu accepter de siéger au jury de soutenance de ma thèse sur les structures élémentaires de la parenté”.

<sup>2</sup> Atualmente, a etnologia é ramo da Antropologia Cultural, da Antropologia Social ou da Antropologia Social e Cultural, em países anglo-saxões. Nos países francófonos, a etnologia é ramo da Antropologia Cultural ou Etnologia (Moutinho, 1980).

<sup>3</sup> Do original: “mais témoigne de sa capacité à apprécier un type d’analyse qui n’est pas le sien mais qui rend possible une percée scientifique dans un champ où il a un vif intérêt – l’analyse culturelle – et ne réclame pas une unique autorité”.

Benveniste e Lévi-Strauss uniram etnologia e linguística, contra uma prática tradicional, sendo possível identificar em Benveniste sua fidelidade ao ensino de Meillet, relativo à dimensão sociológica da linguística e à leitura de Marcel Mauss, que o direcionou rumo à antropologia (Joseph; Laplantine; Pinault, 2020). No texto *Dom e troca no vocabulário indo-europeu*, publicado em 1951 e presente na última parte da obra *Problemas de Linguística Geral I* (PLG I), Benveniste (2005) faz uma referência, já no título, ao trabalho de Marcel Mauss, *Ensaio sobre o Dom: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*, publicado em 1924, ao discorrer sobre a noção de sentido dos termos em sociedades indo-europeias.

Mauss defende o princípio de uma troca social que, pautada em um jogo de regras fixas nas instituições, provocam a circulação de riquezas e organizam as transações em todas as sociedades arcaicas. Benveniste percebe que algo semelhante ocorre nas línguas das sociedades indo-europeias, uma vez que, por meio de regras próprias a cada sistema, os termos circulam e assumem construções com sentidos distintos, a exemplo de “dar”, “tomar”, “receber” e “trocar”; o que comprovaria a relação entre língua e sociedade.

Aliás, Benveniste torna a discutir mais claramente os temas língua, linguagem e sociedade no texto *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística* (1963), publicado no PLG I, afirmando que “de fato é dentro da, e pela, língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente” (Benveniste, 2005, p. 27) e no texto *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1970), publicado no PLG II:

A língua nasce e se desenvolve no seio da comunidade humana, ela se elabora pelo mesmo processo que a sociedade, pelo esforço de produzir os meios de subsistência, de transformar a natureza e de multiplicar os instrumentos (Benveniste, 2006, p. 97).

Benveniste aponta, em sua teoria da enunciação, para um pensamento antropológico enraizado na relação homem, língua, linguagem, cultura e sociedade. É esse o quê de antropológico que ronda o pensamento benvenisteano, que o possibilita dialogar com Lévi-Strauss. Porém, tendo em vista o desaparecimento de toda a correspondência enviada por Lévi-Strauss a Benveniste, neste artigo, dirigimos nosso olhar apenas para as cartas enviadas por Benveniste a Lévi-Strauss, no período de 1948, um dia após a defesa da tese de doutorado por Lévi-Strauss, até 1967 (Joseph; Laplantine; Pinault, 2020). Destacamos trechos de cinco cartas com o objetivo de refletir sobre a aproximação dos autores e a construção do pensamento linguístico de Benveniste em que se deixa transparecer as relações com a etnologia.

Na primeira seção, apresentamos o contexto social e histórico vivenciado por Benveniste e Lévi-Strauss que contribuiu para a aproximação dos pesquisadores. Na seção seguinte, analisamos algumas correspondências enviadas por Benveniste à Lévi-Strauss em que se evidenciam o entusiasmo de Benveniste pelas discussões etnológicas e pelos trabalhos de Lévi-Strauss pautados na teoria do estruturalismo. E, finalmente, apresentamos nossas considerações finais, destacando desdobramentos das reflexões de Benveniste presentes nas cartas trocadas com Lévi-Strauss, na proposta de Flores (2016, 2019) sobre uma antropologia enunciativa.

## A aproximação entre Benveniste e Lévi-Strauss

Émile Benveniste, nascido em 1902, filho de pais professores da Alliance Israélite Universelle, viveu uma infância muito pobre. Foi separado dos pais em 1913, para estudar no Seminário Judaico, em Paris, onde não tinha família. Naturalizou-se francês em 1924, mudando seu nome de batismo Ezra Benveniste, conservando dele as iniciais: E.B. Claude Lévi-Strauss, ao contrário, nasceu em 1908, em Bruxelas, em uma família abastada de artistas e intelectuais franceses (BADER, 2012).

Benveniste iniciou cedo seus estudos em Paris. Em 1918, frequentou um curso de Antoine Meillet, discípulo de Ferdinand de Saussure, seguindo, originalmente, uma formação em linguística comparada, a qual o levará a interessar-se pela linguística geral. Em 1927, Benveniste sucedeu Meillet na École Pratique des Hautes Études, em Paris. Em 1937, entrou para o Collège de France, na cadeira de gramática comparativa. Trabalhou normalmente até a II Guerra Mundial (1939-1945), quando foi capturado pelos nazistas devido as suas origens judaicas. Como pretendiam matá-lo, refugiou-se na Suíça, em 1942, de início em condições difíceis, até chegar ao centro de acolhimento de intelectuais perseguidos pelo nazismo, onde permaneceu até o final de 1945. Foi nesse período que perdeu vários manuscritos que havia deixado em seu apartamento saqueado pelos nazistas (Bader, 2012; Flores, 2013; Rodrigues, 2016).

No mesmo período, mas no ano de 1940, Lévi-Strauss estava se preparando para assumir seu cargo no Lycée Henri IV, instituição de ensino secundário e superior, sendo desaconselhado em virtude do seu nome: seu avô foi rabino em Versalhes. Lévi-Strauss conseguiu exilar-se em Nova York, em 1941, com outros refugiados franceses, lecionando primeiro na New School Research, depois participando da criação da École Libre des Hautes Etudes, onde foi apresentado a Roman Jakobson e, por ele, ao estruturalismo (e à linguística) (Bader, 2012). A amizade entre Lévi-Strauss e Jakobson perdurou até a morte deste, em 1982.

Benveniste foi secretário da Société de Linguistique de Paris, de 1959 a 1970 (em 1945, era o secretário adjunto) (Flores, 2013). Em 1960, ingressou como membro da Académie des Inscriptions et Belles-Lettres. Em 1965, passou também a fazer parte da Accademia dei Lincei, uma das mais antigas academias italianas, cujo objetivo é servir de sede para discussões sobre o desenvolvimento da ciência. Contribuiu com André Martinet<sup>4</sup> e com Lucien Tesnière<sup>5</sup> nas publicações do Círculo Linguístico de Praga, nos anos de 1930 (Rodrigues, 2016).

Em outubro, alguns meses antes da fundação do Círculo Linguístico de Praga, Roman Jakobson participou, em 30 de janeiro de 1926, de uma sessão da Société de Linguistique, onde Benveniste fez sua primeira comunicação: *Un emploi du nom du "genou" en vieil irlandais et en sogdien* (Bader, 2012). Segundo Bader (2012), Lévi-Strauss comenta desconhecer quantas vezes Jakobson e Benveniste se encontraram no Congresso de Linguística, mas que formavam um grupo animado junto a outros pesquisadores.

Jakobson foi o elo entre Benveniste e Lévi-Strauss. Em correspondência a Françoise Bader, em 6 de setembro de 1998, e publicada no texto *Lettres d'Émile Benveniste à Claude Lévi-Strauss. Contribution à la biographie d'Émile Benveniste*, Lévi-Strauss afirma:

<sup>4</sup> Linguista francês, influente pelo trabalho em linguística estrutural. De 1938 para 1946, foi o diretor de estudos da École Pratique des Hautes Études.

<sup>5</sup> Linguista francês, conhecido pela teoria original sintática, exposta no livro *póstumo Éléments structurelle de syntaxe* (1959).

Só conheci Benveniste depois da guerra; não sei mais se foi durante meu primeiro retorno à França, em 1944-45, ou em 1947-48, durante o segundo. Jakobson, que permaneceu nos Estados Unidos, me pediu para visitá-lo e me encarregou de várias comissões. De Benveniste antes dessa data, não sei praticamente nada.

Desde o início, ele me mostrou grande gentileza, teve a gentileza de fazer parte do júri da minha tese em 1948 e esteve ativamente envolvido a meu favor no Colégio. Tenho algumas cartas dele (fotocópias em anexo) num tom muito livre e muito aberto, que contrastam singularmente com o seu carácter reservado, até secreto, como se quisesse afastar o mundo (Roman Jakobson reteve dele, mais jovem, uma impressão diferente)<sup>6</sup> (Bader, 2012, p. 227-228, tradução nossa).

Em 1948, Benveniste fez parte da banca da tese de doutoramento em Filosofia, de Claude Lévi-Strauss, na Universidade de Paris, intitulada *As estruturas elementares do parentesco, com uma discussão sobre a organização do parentesco indo-europeu*. Antes disso, Benveniste já tinha manifestado sua admiração por Lévi-Strauss em carta enviada a Jakobson, em 7 de fevereiro de 1947:

Resta-me, pois, dizer-vos que Lévi-Strauss me parece um dos melhores etnógrafos da atualidade e que o seu pensamento se vai afirmar de uma forma muito pessoal. O que sei de sua obra me faz esperar que seu mérito seja reconhecido e que ele possa desenvolver livremente pesquisas cuja importância aprecio<sup>7</sup> (Laplantine; Testenoire, p. 145, 2021, tradução nossa).

Era recíproco o apreço entre os pesquisadores. Lévi-Strauss, em cartas trocadas com Jakobson, faz observações lisonjeiras a Benveniste, considerando que ele foi o único membro do júri de sua tese que entendeu o que queria fazer. Porém Lévi-Strauss não deixa de comentar com Jakobson sobre suas dificuldades institucionais: Lévi-Strauss poderia ter sido eleito para assumir uma vaga no Collège de France em 1949, aos 41 anos, mas foi derrotado por três votos. Ele atribuiu esse resultado a uma “falta de empenho” dos seus amigos Benveniste e Dumézil em fazer campanha a seu favor, pois estavam muito seguros do sucesso da sua candidatura (Milano, 2018).

Dez anos depois, em 1959, Lévi-Strauss conseguiu ser eleito para ocupar a cadeira de Antropologia Social do Collège de France, tornando-se colega de trabalho de Benveniste, que lecionava na casa desde 1937 (Bader, 2012). Benveniste permaneceu na École Pratique des Hautes Études e no Collège de France até o outono de 1969, quando foi acometido repentinamente de uma doença que o forçou a deixar todas as suas atividades (Flores, 2013; Rodrigues, 2016).

<sup>6</sup> Do original: “Je n’ai connu Benveniste qu’au lendemain de la guerre; je ne sais plus si ce fut lors de mon premier retour en France en 1944-45, ou en 1947-48, lors du second. Jakobson, resté aux Etats-Unis, m’avait prié de lui rendre visite et chargé de diverses commissions. De Benveniste avant cette date, je ne sais pratiquement rien. Dès le début, il m’a témoigné une grande bienveillance, a bien voulu siéger en 1948 dans mon jury de thèse, s’est activement engagé en ma faveur au Collège. J’ai de lui Quelques lettres (photocopies jointes) d’un ton très libre et très ouvert, qui contrastent singulièrement avec son personnage réservé, secret même, comme s’il voulait mettre le monde à distance (Roman Jakobson conservait de lui, plus jeune, une impression différente)”.

<sup>7</sup> Do original: “Il me reste donc simplement à vous dire que Lévi-Strauss me paraît être un des meilleurs ethnographes actuels et que as pensée s’affirmera d’une manière très personnelle. Ce que je connais de ses travaux me fait souhaiter que son mérite soit reconnu et qu’il puisse librement poursuivre des recherches dont j’apprécie l’importance”.

## Correspondências

As trocas de cartas entre Benveniste e Lévi-Strauss iniciaram-se em 1948 e seguiram até 1967. Segundo Joseph, Laplantine e Pinault (2020), os dois homens se conheceram em 1946, no contexto da redação da tese sobre parentesco, Benveniste trazendo para Lévi-Strauss seus conhecimentos sobre o domínio indo-europeu.

Apesar dos desencontros iniciais dos pesquisadores, entre outros temas, o interesse do antropólogo Lévi-Strauss pela linguística e do linguista Benveniste pelos mitos os aproximou. Junto a Lévi-Strauss e Pierre Gourou<sup>8</sup>, Benveniste fundou, em 1961, a revista de antropologia *L'Homme*, como um dos frutos de seu diálogo com a antropologia (Bader, 2012).

Destacamos neste artigo a porção linguística desse encontro, a partir da noção de estrutura e seu desenvolvimento na linguística, desde Saussure que, nas palavras de Benveniste (2005, p. 98), “jamais empregou, em qualquer sentido, a palavra estrutura. Aos seus olhos a noção essencial é a de sistema”, até o Círculo Linguístico de Praga (CLP), quando o termo estrutura aparece pela primeira vez, em 1929, no título do trabalho *Problemas de método decorrentes da concepção da língua como sistema: comparação estrutural e comparação genética* (Benveniste, 2005).

Considerado pioneiro da reviravolta da linguística, Benveniste (2005, p. 100) destacou-se nas discussões sobre a noção de estrutura. Essa “está intimamente ligada à de ‘relação’ no interior do sistema” na qual unidades que compõem um sistema se organizam internamente dando forma a uma estrutura. É a noção de sistema, que está por trás da estrutura, que se dissemina para o estruturalismo etnológico de Lévi-Strauss:

Os sistemas dos quais a sociedade é feita são fenômenos do mesmo tipo que os fenômenos linguísticos. Os sistemas de parentesco e de filiação (com as devidas regras do casamento), os sistemas de troca econômica, de arte, de mito e de ritual derivam de um método de análise análogo, quanto à forma, ao que se aplica à linguagem. Estando esta à frente no plano estritamente científico, é sobretudo pelo recurso as suas categorias que se torna possível o progresso da etnologia<sup>9</sup> (Corvez, 1969, p. 88, tradução nossa).

Segundo Milano (2018), a intelectualidade europeia viveu um momento agitado na virada da década de 1950 para a de 1960. Nesse período, ocorreram na França importantes eventos que colocaram a noção de estrutura no centro na discussão, um dos quais o colóquio organizado pelo sociólogo Roger Bastide, ocorrido em 1959, cuja temática “Sentidos e usos do termo estrutura”, contou com a apresentação do trabalho de Benveniste “*Estrutura em linguística*”, originalmente publicado em 1962, em uma compilação dos trabalhos apresentados no evento, e que hoje está presente na obra PLG I.

Anterior ao evento, as concepções sobre o estruturalismo já permeavam as discussões entre Benveniste e Lévi-Strauss. Em carta datada de 16 de junho de 1948, Benveniste, ao responder a

<sup>8</sup> Geógrafo francês, professor honorário da Université Libre de Bruxelles.

<sup>9</sup> Do original: “*Les systèmes dont la société est fait sont des phénomènes de même type que les phénomènes linguistiques. Systèmes de la parenté et de la filiation (avec les règles convenables du mariage), système de l'échange économique, de l'art, du mythe et du rituel, relèvent d'une méthode d'analyse analogue, quant à la forme, à celle qui s'applique au langage. Celle-ci étant en avance sur le plan proprement scientifique, c'est surtout par recours à ses catégories que le progrès est rendu possible em ethnologie*”.

Lévi-Strauss, afirma que o trabalho do antropólogo dá sinal de que a etnologia está se tornando mais rigorosa. E volta a citar a importância do trabalho de Lévi-Strauss para a etnologia na correspondência de 6 de agosto de 1949, vislumbrando que o colega será reconhecido por ter introduzido nos estudos etnológicos o método de análise estrutural. Ou seja: Benveniste percebe, na abordagem estrutural presente nas pesquisas de Lévi-Strauss, um futuro promissor para as ciências humanas, apesar de não saber que recepção terá suas ideias entre os etnólogos contemporâneos (Joseph; Laplantine; Pinault, 2020). E reforça sua concepção na carta escrita em 22 de janeiro de 1950:

Mas não estou certo de que não estejas tornando a história mais bonita do que é, emprestando-lhe implicitamente algumas das qualidades que a etnologia vai adquirindo – a estruturação e tudo o que vem com ela –, das quais os historiadores atuais me parecem longe de saber<sup>10</sup> (Joseph; Laplantine; Pinault, 2020, p. 7, tradução nossa).

Ainda na carta de 6 de agosto de 1949, Benveniste manifesta sua satisfação por ter recebido, em forma impressa, a tese de Lévi-Strauss: *As estruturas elementares do parentesco*. Revela as qualidades humanas e científicas do trabalho de Lévi-Strauss, bem como a originalidade do método estrutural aplicado aos mitos (Bader, 2012).

Sobre a ideia do estruturalismo estar presente em outras ciências, posteriormente, no texto de 1962, “*Estrutura*” em *linguística*, publicado na obra PLG I, Benveniste (2005, p. 97) afirma que não é estrutura o termo essencial em linguística, mas o adjetivo estrutural:

Rapidamente estrutural acarretou estruturalismo e estruturalista. Criou-se assim um conjunto de designações que outras disciplinas tomam emprestadas agora à linguística para adaptá-las aos seus próprios valores.

Benveniste (2005, p. 104) finaliza este texto afirmando que o princípio fundamental do estruturalismo na concepção da linguística europeia

[...] é que a língua constitui um sistema do qual todas as partes são unidas por uma relação de solidariedade e de dependência. Esse sistema organiza unidades, que são os signos articulados, que se diferenciam e se delimitam mutuamente [...](Benveniste, 2005, p.104).

Em 1945, Lévi-Strauss publica o texto *Análise estrutural em linguística e antropologia*, no primeiro número da revista *Word*, e funda a abordagem estrutural na etnologia. Segundo Descola (2009), o nome de Claude Lévi-Strauss é indissociável do que foi chamado antropologia estrutural, de modo que o estruturalismo antropológico pode ser percebido como um sistema de pensamento revolucionário.

<sup>10</sup> Do original: “*Mais je ne suis pas certain que vous ne fassiez pas l’histoire plus belle qu’elle n’est, em lui prêtant implicitement quelques unes des qualités que l’ethnologie est en train d’acquérir – la structuralisation et tout ce qui en découle –, de quoi les historiens actuels me paraissent loin d’avoir pris conscience*”.

Nos textos *Análise estrutural em linguística e antropologia* e *História e etnologia*, publicado originalmente na *Revue de Métaphysique et de Morale*, número 54, no ano de 1949, Lévi-Strauss faz do reconhecimento do caráter inconsciente dos fatos linguísticos e sociais uma base essencial da análise estrutural (Joseph; Laplantine; Pinault, 2020).

Benveniste se entusiasma com as reflexões de Lévi-Strauss sobre o inconsciente, na carta de 22 de janeiro de 1950:

É preciso dizer-lhe que concordo com o que você diz sobre o caráter inconsciente dos fatos linguísticos e sociais. Você deve lidar em detalhes com o problema do simbolismo em fatos sociais<sup>11</sup> (Joseph; Laplantine; Pinault, 2020, p. 2, tradução nossa).

Benveniste (2006) retoma o caráter inconsciente da língua e da sociedade, em 1970, no texto *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, publicado na obra PGL II, ao tratar dos níveis histórico e fundamental da língua, informando que, no nível fundamental, é possível ver semelhanças entre língua e sociedade.

Alguns caracteres são comuns a uma e outra, à língua e à sociedade – repito eu – neste nível. Língua e sociedade são para os homens realidades inconscientes, uma e outra representam a natureza, se assim se pode dizer, o meio natural e a expressão natural, coisas que não podem ser concebidas como outras que não são e que não podem ser imaginadas como ausentes. Uma e outra são sempre herdadas, e não se imagina no exercício da língua e na prática da sociedade, neste nível fundamental, que tenha podido existir um começo tanto em uma quanto em outra. Nem uma nem a outra podem ser mudadas pela vontade dos homens (Benveniste, 2006, p. 96).

Benveniste insistirá no fato de que “a linguagem contém a sociedade”, como ele demonstra em cada página do *Vocabulário das Instituições Indo-Europeias*, e no fato de que, nos outros sistemas, a semiótica precisa da linguagem como intérprete. No texto *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, Benveniste (2006) expõe que não é a linguagem que integra a sociedade, como sendo dela uma parte, mas, ao contrário, é a sociedade que é uma parte da linguagem. Isto é: uma implica a outra e nasceram da mesma necessidade, explicando que o ser humano é, aos poucos, formado pela linguagem, e ela integra sua formação mental, psicológica e social.

Nas correspondências de 20 de dezembro de 1955 e 10 de outubro de 1956, Benveniste volta a elogiar os trabalhos desenvolvidos por Lévi-Strauss e sua contribuição para os estudos da etnologia e de outras ciências, que não a sociologia. Mas se preocupa em deixar claro que não pretende fazer parte das discussões provocadas por Lévi-Strauss na antropologia.

<sup>11</sup> Do original: “*Est-il besoin de vous dire que j’adhère à ce que vous dites du caractère inconsciente des faits linguistiques et sociaux. Vous devriez une fois traiter en détail le problème du symbolisme dans les faits sociaux*”.

Você enriqueceu a literatura etnográfica com testemunhos que ressoarão na consciência dos etnógrafos e sem dúvida a transformarão. Só lamentamos que tal livro<sup>12</sup> corra o risco de se confundir – em parte por um título que não me parece dos mais felizes – com tantas relações que vão tão além. Mas confio que quem souber lê-lo saberá descobri-lo, e não só na França<sup>13,14</sup> (Joseph; Laplantine; Pinault, 2020, p. 9, tradução nossa).

Tenho que agradecer por enviar seu notável estudo sobre organizações dualistas<sup>15</sup>, que coloca um problema importante em termos que o tornam não apenas acessível, mas instantâneo também para outros que não os sociólogos. Espero que essa demonstração vigorosa desperte um debate na antropologia – no qual terei o cuidado de não entrar<sup>16,17</sup> (Joseph; Laplantine; Pinault, 2020, p. 9, tradução nossa).

Apesar da pretensão de Benveniste em manter-se distante dos estudos da antropologia, Bader (2012) menciona duas expedições de pesquisa das línguas ameríndias, entre os índios Haida e Tlingit, da América do Norte, realizada por Benveniste nos anos de 1952 e 1953. A segunda expedição financiada pela Fundação Rockefeller resultou em um relatório não publicado, no qual

Benveniste indica que visitou as casas cerimoniais dos Tlingit, onde viu objetos rituais e máscaras geralmente não mostradas a estrangeiros por esses índios tidos como rebeldes à investigação, comportando-se assim como um antropólogo [...]<sup>18</sup> (Bader, 2012, p. 237, tradução nossa).

## À guisa de uma conclusão

Não pretendemos concluir o que foi o pensamento de Émile Benveniste: uma constante construção. A partir de diálogos traçados com Lévi-Strauss, é possível perceber que as ideias de Benveniste não se distanciaram do homem e do estruturalismo. Segundo Flores (2019), é inegável reconhecer que conhecimentos antropológicos estão nos fundamentos da linguística desenvolvida por Benveniste, ao colocar o homem no centro da discussão, a exemplo dos temas sobre a categoria de pessoa, sobre o indo-europeu e sobre a enunciação.

O pensamento etnológico de Benveniste permitiu à linguística refletir sobre o uso da língua por um falante, ou seja: possibilitou construir uma linguística que pensa no antropológico, no homem como condição de falante. É desse modo que Flores (2016, 2019), apoiado nas leituras de Émile Benveniste, percebe e destaca uma proposta antropológica da enunciação como uma herança do autor aos estudos linguísticos: “Assim, a linguística que busco tornar viável se sustenta

<sup>12</sup> Benveniste refere-se à publicação da obra *Tristes trópicos* de Claude Lévi-Strauss.

<sup>13</sup> Do original: “*Vous avez enrichi la littérature ethnographique d’un témoignage qui retentira dans la conscience des ethnographes et sans doute la transformera. On regrette seulement qu’un livre pareil risque d’être confondu – en partie à cause d’un titre qui ne me semble pas des plus heureux – avec tant de relations qu’il dépasse de si loin. Mais j’ai confiance que ceux qui sont aptes à le lire sauront le découvrir, et non pas seulement en France.*”

<sup>14</sup> Trecho da carta de 20 de dezembro de 1955.

<sup>15</sup> Benveniste se refere ao trabalho *Les organisations dualistes existent-elles ?* de Claude Lévi-Strauss.

<sup>16</sup> Do original: “*J’ai à vous remercier de l’envoi de votre remarquable étude sur les organisations dualistes, qui pose un importante problème en termes qui le rendent non seulement accessible, mais instant pour d’autres que les sociologues aussi. J’espère que cette vigoureuse démonstration suscitera em anthropologie um débat – où je me garderai bien d’entrer.*”

<sup>17</sup> Trecho da carta de 10 de outubro de 1956.

<sup>18</sup> Do original: “*Benveniste y indique qu’il a visite les maisons de cérémonie des Tlingit, où il a vu des objets rituels et des masques em général non montrés aux étrangers par ces Indiens réputés rebelles à l’enquête – se comportant donc em anthropologue.*”

no antropológico porque procura dizer algo sobre o homem e faz isso pela consideração do *Homo loquens*” (Flores, 2019, p. 18). Ao considerar o falante, de outro modo, a propriedade *loquens* do homem, Flores (2019) supõe o homem que é constitutivo da linguagem e o lugar ocupado pelo homem nas reflexões acerca da linguagem.

Queremos assegurar que o homem se faz efeito na língua e na linguagem, sendo sua condição primordial a de ser sujeito:

[...] cada falante é sujeito em relação ao outro (singular, plural ou coletivo), o que faz da língua algo individual; no entanto, ela é extensível a toda a coletividade da sociedade, o que faz dela algo social (Flores, 2019, p. 119).

O sistema de relações estabelecidas entre os elementos, princípio básico do estruturalismo, que transcende a linguística e afeta pesquisadores de outras ciências, a exemplo de Lévi-Strauss, está encravado nas ideias de Benveniste. Pensar no antropológico dentro dos estudos linguísticos enunciativos benvenisteanos nos provoca a refletir que a definição de enunciação trazida pelo autor, “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, 2006, p. 82), destaca o falante que, ao mobilizar a língua de modo cada vez único e irrepetível, é capaz de dizer de si, ao deixa escapar algo dele mesmo e de sua relação com o outro ou com os outros, incorporando-se em sua fala.

Aceitando-se a ideia de que o falante é um etnógrafo, seria possível dizer que o linguista, como falante que é, acumularia também a função de etnólogo, daquele que faz a apreciação analítica dessa “etnografia natural” (Flores, 2019, p. 33).

Para Flores (2019), a enunciação mencionada por Benveniste permite pensar o *Homo loquens* como o quê da linguagem emerge nas línguas, singularizando-a a cada ato languageiro do falante.

A herança da porção antropológica de Benveniste à linguística é antever que o homem, ao nascer enquanto sujeito em um sistema de relações estabelecido na linguagem, na língua, na sociedade e na cultura, se inscreve e escreve sua história na ordem simbólica.

## Referências

BADER, Françoise Bader. Lettres d’Émile Benveniste à Claude Lévi-Strauss: Contribution à la biographie d’Émile Benveniste. In: GUSMANI, Roberto. **Linguaggi, culture, letteratura**. Linguistica storica e teorica. Studi in ricordo. Udine: Forum, 2012. Disponível em: <http://forumeditrice.it/percorsi/lingua-e-letteratura/studi-in-onore/per-roberto-gusmani/lettres-d2019emilebenveniste-a-claude-levi>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

CORVEZ, Maurice. **Les structuralistes**: les linguistes, Michel Foucault, Claude Lévi-Strauss, Jacques Lacan, Louis Althusser. Paris: Aubier-Montaigne, 1969.

DESCOLA, Philippe. Claude Lévi-Strauss, uma apresentação. **Estudos Avançados**. v. 23, n. 67, p. 148-160, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142009000300019>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/VpfXWvyp8gBkhs8MSppnzc/?lang=pt>. Acesso em: 5 jul. 2023.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento. O falante como etnógrafo da própria língua: uma antropologia da enunciação. **Letras de Hoje**. v. 50, n. 5, p. 90-95, 2016. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2015.s.23143>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/23144>. Acesso em: 6 jul. 2023.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Problemas gerais de linguística**. Petrópolis: Vozes, 2019.

JOSEPH, John E.; LAPLANTINE, Chloé; PINAULT, Georges-Jean. Lettres d'Émile Benveniste à Claude Lévi-Strauss (1948-1967). **Histoire Épistémologie Langage**, v. 42, n. 1, p. 1-23, 2020.

LAPLANTINE, Chloé; TESTENOIRE, Pierre-Yves. La correspondance d'Émile Benveniste et Roman Jakobson (1947-1968). **Histoire Épistémologie Langage**. v. 43, n. 2, p. 139-168, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/hel/1284>. Acesso em: 23 nov. 2023.

LIMA, Augusto Mesquitela; MARTINEZ, Benedito; LOPES FILHO, João. **Introdução à antropologia cultural**. 8. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

MILANO, Luiza. A noção de estrutura em linguística: uma impactante (e decisiva) repercussão. **Revista Desenredo**, v. 14, n. 3, p. 457- 468, set./dez. 2018. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/8555>. Acesso em: 23 nov. 2023.

MOUTINHO, Mário Canova. **Introdução à etnologia**. Lisboa: Editorial Estampa, 1980.

RODRIGUES, Romulo da Silva Vargas. **Historiografia-linguística de Émile Benveniste**. 2016. 177f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/5980/5/Tese%20-%20Romulo%20da%20Silva%20Vargas%20Rodrigues%20-%202016.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2023.